

MAGAZINE, Roger. *Azul y oro como mi corazón: masculinidad, juventud y poder en una porra de los Pumas de la UNAM*. Ciudad de México: Afínita; Universidad Iberoamericana, 2008.

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

*Azul y oro como mi corazón* é um livro exemplar sob vários aspectos. Traz uma mirada inovadora para aqueles que atuam na área da Antropologia Social e constitui uma contribuição preciosa para os que lidam com a temática futebolística, em especial os pesquisadores do fenômeno das torcidas organizadas na América Latina. Fruto de uma tese de doutorado defendida em 2000 na *The Johns Hopkins University* (Baltimore, Maryland/Estados Unidos), o trabalho de Roger Magazine foi transformado em livro no ano de 2007, primeiramente em inglês, língua materna em que foi escrita, e depois em espanhol (1ª edição de 2008), língua nativa de sua pesquisa.

Magazine é um antropólogo norte-americano que realizou sua pesquisa de campo na Cidade do México, entre princípios de 1996 e maio de 1997. Radicado na mesma cidade em 2004, leciona desde então no Centro de Ciências Políticas e Sociais da *Universidad Iberoamericana*. Coordenador de um projeto interinstitucional sobre filiação futebolística nas diversas regiões mexicanas, Magazine tem interesse temático pelas políticas de Estado voltadas para a juventude e pela Sociologia Urbana. Quanto a esta última, dedica especial atenção para os efeitos da urbanização expansiva, dentro da complexa teia de relações geradas nas metrópoles contemporâneas, das quais a capital mexicana, ao lado de São Paulo, é um dos exemplos latino-americanos mais desafiadores.

O livro é dedicado à memória de Eduardo Archetti (1943-2005), antropólogo argentino com quem Roger conviveu durante seu estágio de doutoramento no Departamento de Antropologia da Universidade de Oslo, Noruega. Mais do que uma homenagem póstuma a um mestre precocemente falecido, a obra é também resultado do diálogo com as questões centrais de uma obra magna: *Masculinities – football, polo and tango in Argentina* (1999). Embora pouco citada por Magazine, atestado da qualidade de descrição com que este conduz sua narrativa etnográfica, a interlocução com Archetti se mostra evidente nas palavras-chaves norteadoras da problemática do antropólogo estadunidense ao longo do livro. Enunciadas no subtítulo da obra como masculinidade, juventude e poder, são elas redimensionadas para o caso mexicano e vistas à luz do universo prático e simbólico das torcidas.

O livro está montado em torno de uma etnografia feita com uma torcida organizada do Pumas, clube sediado na Cidade do México e pertencente ao mais importante e tradicional estabelecimento de ensino superior do país, a UNAM (Universidade Autônoma do México). As experiências da pesquisa de campo abarcaram quase um ano e meio de contato com a torcida denominada *Porra Plus* e são a base para a construção do relato narrado no livro e estruturado em quatro capítulos etnográficos. Magazine seguiu os procedimentos clássicos da Antropologia, com uma imersão contínua no ‘campo’, incluindo o acompanhamento da ritualística dos torcedores antes, durante e depois das partidas. As anotações de seu diário de campo cobrem reuniões, conversas informais, gravações de quarenta entrevistas individuais, leitura de periódicos, viagens aos jogos do Pumas fora de ‘casa’ e a eleição de quinze informantes principais, discriminados no póstico do livro, que são as personagens centrais do enredo descrito com esmero pelo autor.

O ponto de partida, desconstruído no decorrer do livro, é o de que as torcidas organizadas são portadoras de uma *visão de mundo* ideal. Esta visão é idealizada no discurso torcedor como um ato genuíno de torcer – sentimento de fundo ‘romântico’, que vem do ‘coração’, sendo uma prova legítima de manifestação de amor por um clube. Esta filiação, por sua vez, se materializa através de um estilo e de um modo de ser/viver ideais. São eles cultivados no interior de cada torcida e contrastados às outras *visões de mundo*, preconizadas por adeptos de outros clubes, para assim conformar a constelação clubística imaginária do México contemporâneo. Junto ao Pumas, somam-se o América, o Cruz Azul e o Chivas de Guadalajara, que compõem um quarteto nacional, estando todos, à exceção do último, situados na capital do país.

Somado a isso, argumenta-se que o ideal da torcida *Porra Plus* – o apoio legítimo a uma equipe de marca juvenil, posto que o Pumas tem origem universitária – é colocado à prova todo o tempo e de diversas maneiras. A torcida é confrontada não somente com a visão de mundo de outros clubes, mas igualmente com as ‘distorções’ e com os impasses da realidade futebolística (as acepções deste *real* serão explicadas a seguir). Tais discrepâncias estariam estreitamente ligadas aos interesses pecuniários e às transações financeiras hodiernas que, na retórica das torcidas, corrompem o fundamento originário do pertencimento clubístico e impedem a autenticidade da forma ideal de incentivar um clube de futebol.

As categorias desse ideário torcedor – um clube com um estilo de jogar característico e uma torcida com uma forma de apoiar autêntica – são apreendidas e mais valorizadas do que a terminologia sociológica tradicional, de modo que o leitor não encontrará aí categorizações estanques tais como classe, sociedade civil, Estado, etc. Para isto, Magazine apreende a autopercepção dos aficionados de futebol, num

jogo de identidades que envolvem marcas socioculturais e que variam segundo critérios geracionais, regionais, nacionais, étnicos, espaciais e temporais bastante flexíveis.

Magazine se debruçou sobre o conjunto de práticas e representações do subgrupo escolhido, uma associação de torcedores chamada *Porra Plus*, criada em 1987, com cerca de cem membros, entre dezesseis e trinta anos, cujo etos, cuja estrutura e cujas transformações são problematizadas no decorrer do livro. Magazine acompanhou os fãs do Pumas no biênio de 1996-97. Finda a pesquisa intensiva, continuou acompanhando-os em incursões pontuais posteriores, em meses salteados de 1998 e em ocasiões intermitentes de 2000 a 2004.

Nesse último ano, Magazine ainda pode observar as celebrações do título nacional arrematado pelo Pumas, treze anos depois da última conquista de sua história. A narrativa é concluída no momento crítico em que o mesmo grupo se cinde e vem a ser superado por uma dissidência chamada *Rebel Plus*. Esta instaura por seu turno um novo ciclo de crescimento, de disputa pelo poder e de instabilidades que potencializam virtuais fragmentações internas.

A montagem do argumento de Magazine não se atém à descrição do objeto em si – um clube de aficionados de futebol –, embora esta seja descrita em minúcias. O autor conecta o seu objeto a uma escala mais ampla de reflexão. A abrangência é capaz de tratar da conjuntura política e econômica da sociedade mexicana nos últimos vinte e cinco anos. Além disto, contempla historicamente o imaginário urbano do México ao longo do século XX, em especial aquele que se sucede à Revolução de 1910, estopim a partir do qual o país assiste a um crescente processo de centralização político-econômica na era pós-revolucionária.

Não saberia dizer aqui se essa capacidade de enxergar de “binóculo” é favorecida pelas origens estrangeiras do autor, ou seja, por um distanciamento em princípio de

ordem geográfica. O fato é que o resultado se apresenta muito positivo, com uma apreciação panorâmica e aprofundada dos dilemas das torcidas organizadas contemporâneas, salientando seus vínculos sociais mais abrangentes. Destarte, o produto é uma obra antropológica *stricto sensu*, isto é, uma etnografia densa, articulada a macroquestões sociológicas e politológicas, algo que, ao menos no Brasil, não se costuma ver com frequência.

E o que nos diz esta torcida organizada – a *Porra Plus* dos Pumas da UNAM – sobre a sociedade em geral e sobre o México em particular? O que ela expressa em suas ações, vivências e idealizações acerca da juventude mexicana e dos projetos sociais em competição no país?

Dito de modo bem sumário, a tese de Magazine postula no capítulo introdutório que a “visão ideal” de uma associação de torcedores permite divisar um projeto social e um futuro alternativo para a sociedade mexicana. Ela põe em questão, através das tensões individuais e coletivas constitutivas do futebol, a “cultura política” predominante no México, ora criticando-a ora expressando-a.

Ainda que sob o risco de simplificação, pode-se dizer que o esquema montado por Magazine identifica um país cindido entre dois projetos hegemônicos: o clientelismo corporativista – fruto da longa tradição arraigada e corrompida pela estrutura de poder uni partidária do PRI (Partido Revolucionário Institucional) – e a democracia neoliberal, que se coloca nos seus antípodas, como panaceia do receituário capitalista transnacional. Na década de 1990, a herança de uma estrutura piramidal de sociedade, durante tantos anos excludente, estável e baseada nas relações assimétricas patrão/cliente, se vê em choque com os ditames de desenvolvimento do país. Este caminha rumo à consumação do decantado neoliberalismo dos anos 90, em parceria

com os antigos reclames de modernização, agora não mais agenciado pelo Estado, e de modernidade isonômica, racional e liberalizante.

No hiato da passagem de um projeto vertical-personalista a outro de democracia liberal, desmontador da “pirâmide”, Magazine mostra como as torcidas mobilizam a linguagem do futebol e seus estilos de apoio para propor, à sua maneira, uma visão crítico-alternativa tanto ao clientelismo quanto ao neoliberalismo, em suas versões locais. Por outro lado, a torcida, vista como um espaço de sociabilidade pública urbana, filtra os aspectos positivos e negativos do mundo social envolvente, não se colocando nem a favor nem contra um ou outro projeto em termos absolutos. A coexistência entre os múltiplos modelos e os modos de sociabilidade é assim a forma pela qual uma torcida ao mesmo tempo se coloca e projeta o próprio futuro dentro da sociedade a que pertence.

E a que meta aspiram as torcidas? Em uma palavra, responde Magazine: à expressão livre daquilo que se concebe como “emoções interiores”. Para tanto, a vivência emocional plena, elaborada idealmente no plano discursivo dos torcedores, encontrará obstáculo no momento de sua materialização. Daí porque o poder não se confina ao sentido restrito de política, mas diz respeito a uma percepção foucaultiana segundo a qual ela se encontra dispersa e mitigada, com todas os seus paradoxos, nas relações difusas em sociedade.

Dessa maneira, o poder se articula à juventude na medida em que os jovens torcedores do Pumas, em sua valorização da emoção sobre a razão, da liberdade sobre a exclusão político-econômica, compartilham um estilo de vida que faz sugerir, em termos históricos, analogias com o espírito do movimento juvenil-romântico europeu do final do século XVIII e princípio do século XIX. A identificação criada em torno da

categoria jovem faz desta noção um meio dirigido a um fim – a pura experiência da emoção –, e não um fim utilitário em si mesmo.

As imagens de extravasamento emocional, associadas historicamente à juventude, acionam por seu turno um repertório de estereótipos que remetem a determinadas concepções arquetípicas de masculinidade, no bojo dos mitos fundadores de um homem nacional. As representações do típico varão mexicano remontam à história do país no século XX e à especificidade dos seus padrões de comportamento no meio urbano, na difícil passagem de uma ordem tradicional para outra moderna. Elas resultariam em uma visão masculina associada a uma violência gratuita e rudimentar, de quem não passou integralmente por um “processo civilizador”. Ou ainda a uma certa ânsia pela desordem (*desmadre* no vocabulário local), o que a fez de modo muito rápido ser transpassada para o ambiente contemporâneo dos estádios, com seus gritos tonitruantes, com seus movimentos desgovernados, com seus saltos *arriba* e *abajo*, vistos pelo senso-comum como atos violentos e potencialmente ameaçadores.

Poder, juventude e masculinidade configuram, pois, os denominadores comuns que subjazem ao relato etnográfico. A tríade orienta as observações de uma cultura simbólica e material dos adeptos da torcida organizada em questão, num país marcado pelo “vazio político” de um mundo em transição. Para demonstrar o nexos entre os três domínios, Magazine articulou o livro com base em quatro capítulos estruturalmente divididos.

O primeiro trata da identidade clubística como expressão apaixonada, aquilo que vem a ser a qualidade distintiva de “ser Puma”. As diferenças qualitativas fazem do Pumas um clube que privilegia o ataque e a criatividade, enquanto os demais preferem a defesa e as formas convencionais de atuar. No discurso nativo, as propriedades do clube fazem dos seus torcedores seres mais criativos, pois voltados à sincera expressão das

emoções, enquanto as outras torcidas se pautam por práticas excessivamente racionalizadas, mercantilizadas e clientelísticas, dando origem a metáforas como “el consentido” (protegido e adulator) e “la mafia” (coerção grupal).

O segundo capítulo (terceiro na ordem numérica do livro) analisa os estilos de torcer e suas confrontações intratorcida. O relato passa das análises de discurso sobre as visões de mundo dos torcedores para a observação de como estes projetos sociais alternativos são postos em prática durante um dia de jogo. É neste momento que o autor capta uma contradição: a despeito das idealizações do grupo, o acompanhamento das etapas de congregação e dispersão dos membros evidencia tensões com significados maiores. A principal delas é a discórdia entre estilos de apoio que, em verdade, segundo Magazine, encobre lutas pelo controle do grupo e por sua moldagem social. À retórica democrática, opõe-se uma organização grupal hierárquica que não deixa de presenciar práticas baseadas no clientelismo.

A terceira parte (Capítulo IV) aprofunda um aspecto da sociabilidade torcedora: a violência masculina à luz de uma “tradição inventada”. A etnografia recai sobre práticas violentas e sexualmente agressivas que os membros da torcida chamam de *el desmadre*. Depois de tratá-la em âmbito interno, autor infere tal ação social para o contexto mais amplo de violência, de desordem e de masculinidade atribuídas ao suposto caráter do homem mexicano urbano. Sem ser uma reprodução inconsciente, a personificação de traços deste tipo nacional é tratada de maneira intencional pelos torcedores, segundo analisa Magazine, na busca por espaços de visibilidade nos estádios. As intenções veladas seriam, no olhar do antropólogo, uma estratégia dos membros mais jovens que visam provocar reações paternalistas do líder da torcida e, com isto, desviar a atenção para o objetivo último dos novatos: apropriação do controle do grupo.



A quarta e última parte etnográfica (Capítulo V) passa do nível estrutural para o processual, com uma análise das fricções internas pelo poder e da torcida sob a ótica diacrônica de constante mudança e ressignificação. *Mutatis mutandis*, a perspectiva transformadora inclui os jogos de dominação, luta e inovação no interior do grupo. A dominação compreende a passagem de modelos autoritários a democráticos ou, em termos weberianos, de figuras carismáticas (o personagem que atende pelo pseudônimo de Javier) a racionais-legais (chamado ficticiamente de Ernesto). Ambas as formas dominantes de poder se revelam incompletas ou deficientes para a base juvenil da torcida, ou para frações do grupo que postulam uma organização alternativa estada numa visão ideal. Longe de serem interesses conflitivos microscópicos, Magazine demonstra os traços de união do futebol com o debate em torno dos valores democráticos e de sua implementação na sociedade urbana mexicana, sendo a torcida uma janela para observar tal relação.

*Last but not least*, o capítulo conclusivo tem valor menos de conclusão e mais de epílogo. Finalizada a etnografia, Magazine retrança as transformações por que passou a torcida do Pumas a partir de 1998, quando um novo agrupamento, dissidência da *Porra Plus*, é formado: *La Rebel*. O autor capta as contradições de uma torcida que nasce sob o signo da recuperação dos ideais perdidos da associação da qual se desligara, passa por um rápido e surpreendente crescimento e, por fim, vê-se novamente às voltas com as práticas que tanto depreciava na experiência anterior: o clientelismo.

O crescimento desmesurado do grupo provoca também uma visibilidade e uma dominância modelar que extrapolam as fronteiras clubísticas, passando a ser uma fonte de inspiração para outras torcidas mexicanas. Estas assistem a uma crescente “Rebelización” e a uma “Pumas-ización” em seus próprios núcleos. As influências em cadeia de grupo a grupo propiciam um fecho muito oportuno, algo mencionado aqui e ali no

decorrer do livro, porém não desenvolvido. Encerra-se o livro com a descrição do que vem a ser uma espécie de globalização dos estilos de torcer, a partir da adoção de cânticos estrangeiros e de formas de torcer difundidas pelas imagens televisivas das torcidas sul-americanas e europeias no México.

São essas de modo geral as linhas de força principais do trabalho. A leitura de cada um dos capítulos permitirá ao leitor, sobretudo o não mexicano, aprofundar um sem-número de aspectos valiosos sobre a vivência futebolística no México, além do conhecimento das especificidades torcidas daquele país à luz do caso dos adeptos do Pumas. Se o trabalho chega a muito bom termo, e em determinados momentos a leitura entusiasma pela fineza das nuances captadas e das situações recompostas, gostaria nesta Resenha de fazer uma ou duas observações finais que eventualmente agreguem para uma reflexão em comum sobre os resultados a que chegou o livro.

Uma das comparações feitas pelo autor diz respeito à associação entre a valorização da emoção torcedora que se antepõe a atitudes racionais e calculadas, com os ideais e as posturas do movimento artístico conhecido como Romantismo na Europa. A analogia é ousada e pouco freqüente, uma vez que parece fazer acentuar a discrepância entre domínios de ação e momentos históricos datados. Não obstante, a ousadia me soa muito pertinente. Ela inclusive contribui para ir além do tradicional conceito de *communitas*, de Victor Turner (1969), já sobejamente empregado para explicar estruturas societárias e processos ritualísticos contemporâneos.

Neste sentido, seria o caso de evocarmos o ensaio *Da aventura*, do sociólogo alemão Georg Simmel, autor que Magazine alude em nota, quando cita a famosa conferência “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903). Se a porta de entrada do autor para pensar o romantismo dentro de uma *porra* (termo que no México designa tanto o conjunto da torcida quanto o seu repertório musical) foi o artigo do cientista

político Yvon Grenier “El liberalismo romántico de Octavio Paz” (2001), parece-nos que o ensaio simmeliano vai ao encontro do tema em tela. Considero os apontamentos de Simmel muito adequados para a reflexão levada a cabo no livro de Magazine. Simmel sustenta naquele ensaio que o romantismo contém uma demanda juvenil – não confundida com faixa etária – a clamar pelos excessos (seria a concepção de *desmadre* congruente com o sentido da raiz grega da palavra *hybris*?) e pelo extravasamento do fluxo contínuo da vida, tornando as extrapolações mais visíveis e palpantes.

A inquietude da subjetividade romântica revela a premência pelo aproveitamento mais imediato da vida, sendo esta experimentada como um presente incondicional, como um *aqui e agora* inexorável. O ânimo dos jovens do *Sturm und Drang* alemão, com Herder e Goethe à frente, rompia as peias do cotidiano e proclamava o usufruto dos acontecimentos da vida em sua dotação máxima, em sua natureza mais frenética, em sua plenitude paroxística. Para Simmel, os jovens não se cingem nem ao passado nem ao futuro, porquanto não visam à fruição moderada da *physis*, matéria da vida, mas à disposição para testar os limites extremos que a fazem vibrar com mais vigor.

Além de agregar esse ensaio acerca da idéia aventureira do romantismo tal como reelaborado na modernidade, outra observação que se depreende do livro remonta ao lugar do autor/etnógrafo. Narrado em primeira pessoa e com voz “onisciente” – no sentido de que é ela quem conduz sobriamente a percepção dos “outros” (os informantes/torcedores) – fica-se extremamente curioso em captar a direção contrária, isto é, as percepções reflexivas e contrastivas do “outro” sobre o narrador.

Ainda que algumas citações sejam feitas, sobretudo no capítulo introdutório, quando em uma página Magazine explica o processo de admissão e entrada no grupo, muito pouco se sabe no restante do livro acerca das representações nativas sobre o próprio pesquisador. Em um trabalho antropológico, a percepção que o objeto tem do

sujeito é uma variante em nada desprezível e um dado de análise razoavelmente importante. Salvo uma ou outra ocasião, por exemplo, quando no ônibus para o jogo na cidade de Nezahualcóyotl os torcedores perguntam se Magazine está com medo das retaliações da torcida local e ele responde positivamente, a *persona* do investigador não aparece. Ela não é em nenhum momento “esgarçada”, isto é, posta à prova ao longo da narrativa, como se a figura do autor pudesse se manter a todo o tempo impassível ante o *desmadre*, o tumulto de emoções e a intensidade dos apelos sensoriais.

Se um dos atos elementares do procedimento científico é o distanciamento emocional, por outro lado a narração é parte integrante de uma ação, de uma relação e de uma construção que são forçosamente subjetivas. O olhar não se coloca nem de fora nem de cima, mas “de perto e de dentro”. Como tal, narrado em primeira pessoa, o intercâmbio de olhares poderia ter sido também explorado, enriquecendo esta que é uma admirável obra.